

Trabalho Produtivo e Improdutivo: do que estamos falando?

Data	Julho de 2014
Autor	Robin Goodfellow
Versão	v 2.0 em português (v 1.0 em francês - fevereiro de 2008)

Sumário

SUMÁRIO	2
1. INTRODUÇÃO	3
2. DEFINIÇÕES: TRABALHO PRODUTIVO E IMPRODUTIVO.....	5
2.1 Recordação dos conceitos de Marx.....	5
2.2 O que o trabalho produtivo não é.....	7
3. TRABALHO PRODUTIVO, TRABALHO IMPRODUTIVO E CLASSES SOCIAIS ...	14
4. CONSEQUÊNCIAS TEÓRICAS E PRÁTICAS PARA O CAMPO REVOLUCIONÁRIO	17
ANEXO: COMENTÁRIO DA CITAÇÃO DA PÁGINA 14	22

1. Introdução

Para a teoria comunista a distinção entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo é crucial, pois dela decorre uma série de consequências sobre a natureza da produção capitalista: a qualificação da exploração do proletariado, as condições da reprodução da sociedade, a evolução das classes sociais presentes, a natureza da revolução futura, as táticas que deverão ser seguidas pelo partido do proletariado em relação às classes médias, etc. Em suma, trata-se da problemática da exploração, da definição das classes e da luta das classes que se desenrola no segundo plano.

A mistificação que reina no modo de produção capitalista obscurece as relações sociais de produção e generaliza uma visão que é própria à economia burguesa, para a qual o capital e a terra aparecem como fontes autônomas do valor, capazes por si mesmos de produzir valor. Essa mistificação faz com que o capital apareça como produtivo encobrendo a verdadeira natureza das relações sociais assentadas no trabalho do proletariado, a verdadeira fonte produtiva que produz um valor maior do que a soma do valor adiantado para o capital constante e o salário, isto é, que reproduz este valor adiantado e, além disto, produz a mais-valia. Desse modo, as relações de produção do modo de produção capitalista fazem com que o trabalho produtivo, isto é, o trabalho do proletariado, não apenas lhe escapa como retorna contra ele como seu contrário, como capital. Em outras palavras, o trabalho do proletariado produz e reproduz toda a relação social capitalista, fazendo com que o proletariado seja dominado pelo seu próprio trabalho que lhe enfrenta como inimigo.

Consequentemente, essa mistificação obscurece as distinções entre o que é pertinente ao trabalho produtivo e o que é pertinente ao trabalho improdutivo, fazendo emergir, de maneira geral, as seguintes considerações:

- o trabalho produtivo é confundido com o trabalho assalariado em geral;
- o trabalho produtivo é assimilado à produção de um bem material, tangível;
- o trabalho produtivo é considerado como aquele que produz bens socialmente úteis;
- o nível da remuneração e a importância do salário, assim como o grau de qualificação da força de trabalho, são identificados como critérios de avaliação da natureza produtiva ou improdutivo do trabalho;
- o trabalho improdutivo é assimilado às despesas improdutivas (por ex. armamentos).

Em um primeiro momento, criticaremos essas confusões e retomaremos as definições a partir dos textos de Marx. Em seguida, detalharemos a razão de esta questão ser primordial para o campo revolucionário, pois ela:

- permite colocar corretamente a questão da definição hodierna dos contornos do proletariado;
- consiste em verificar, em relação às previsões feitas particularmente por Marx, a validade da teoria revolucionária;

- remete a questões políticas cruciais como a da relação entre as classes na sociedade atual e durante o futuro enfrentamento revolucionário;
- reforça a teoria lutando contra todas as expressões que conduzem politicamente, no fim das contas, a um reformismo latente, ao pacifismo e à negação de toda a amplitude revolucionária da luta do proletariado.

2. Definições: trabalho produtivo e improdutivo

2.1 Recordação dos conceitos de Marx

Em Marx, a definição de trabalho produtivo é muito clara, ela está fundamentada na produção de mais-valia e, portanto, no fato de a força de trabalho intercambiar-se contra o capital, quer ela produza bens tangíveis, “coisas” ou não.

“A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Só é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou que serve à autovalorização do capital.” (Marx, O Capital, Livro I Seção V, Cap. XIV)

Fiel à sua tarefa científica que era a de desvendar, detrás da mistificação do capital, as verdadeiras relações econômicas e sociais, Marx não parte dos aspectos fenomenais do trabalho (o fato de que este seja “útil”, que produza um bem tangível ou que seja mal pago, por exemplo), mas da essência dos fatos: ele aponta diretamente para o fato de que o trabalho no modo de produção capitalista é uma relação social particular, relação que se caracteriza pela exploração da força de trabalho do proletariado.

Vemos então o desafio crucial desta questão, pois é toda a problemática da exploração, da definição das classes e da luta das classes que se desenha no plano de fundo.

“Assim, o conceito de trabalhador produtivo não implica de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, surgida historicamente e que cola no trabalhador o rótulo de meio direto de valorização do capital. (...) No Livro IV desta obra, que trata da história da teoria, veremos mais detalhadamente que a Economia Política clássica sempre fez da produção de mais-valia a característica decisiva do trabalhador produtivo.” (Marx, idem)

O proletariado, classe produtiva, é também no modo de produção capitalista a única classe explorada. De modo contrário, se existe um trabalho produtivo é porque existe igualmente um trabalho improdutivo e trabalhadores improdutivos.

Curiosamente, é isso que negam nossos adversários. É verdade que seria particularmente difícil defender a ideia de que não existe trabalho produtivo, mas tentaremos compreender, na sequência do texto, porque é tão importante para eles negarem que existe um trabalho improdutivo.

Continuemos a ver com Marx o que é, inversamente, a definição de trabalho improdutivo.

Quando se compra o trabalho para consumi-lo como *valor de uso*, como *serviço*, não para substituí-lo como *fator vivo* no lugar do valor do capital variável e incorporá-lo ao processo de produção capitalista, o trabalho não é trabalho produtivo e o trabalhador assalariado não é trabalhador produtivo. Consome-se seu trabalho *por causa* de seu *valor de uso*, não como trabalho que põe *valores de troca*; ele é consumido de maneira *improdutiva* e não

produtiva. (...) O consumo desse trabalho não equivale a D-M-D', mas M-D-M (este último termo é o *trabalho* ou o próprio *serviço*). O dinheiro funciona aqui somente como meio de circulação, não como capital.” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e Improdutivo)

Assim, um dos primeiros critérios que permitem determinar se um trabalho (e, portanto, um trabalhador ou, sobretudo, um grupo de trabalhadores, pois a individualização da questão tem pouco interesse em si) é produtivo ou improdutivo, é o de verificar se ele é intercambiado contra o capital ou contra o rendimento.

Esse critério é particularmente importante, pois ele coloca em foco um elemento crucial, o da relação social, em detrimento de um critério mais aparente, mais fenomenal, como, por exemplo, o da forma do trabalho. Ora, é esse critério da forma que aparece em primeiro lugar para o observador que se situa no nível da aparência dos fenômenos e não procura ir mais adiante na direção da essência. Por exemplo, em um contrato com o proprietário de um imóvel, um jardineiro que trabalha para uma empresa de serviços para plantar roseiras efetua um trabalho produtivo. Seu patrão, enquanto capitalista, adianta um capital para assalariá-lo, procurando fechar contratos com diversas entidades como esse proprietário de imóvel, uma municipalidade ou outra empresa. Supondo agora que no sábado, para completar seus ganhos mensais, esse jardineiro alugue seu trabalho para burgueses da sua cidade que possuem uma segunda residência. O trabalho efetuado nesse contexto não será mais produtivo do ponto de vista do capital. Com efeito, o proprietário, seja ele por acaso capitalista, paga-o com seu rendimento. Este exemplo é levado, portanto, ao extremo: mesmo tipo de trabalho, mesma prestação fornecida, mesmo indivíduo, mesmo efeito final em termos do rendimento para este último. Isso mostra de modo claro que, finalmente, essa não é uma boa maneira de colocar o problema.

O primeiro fator discriminante é principalmente aquele ligado à posição social dos dois protagonistas na troca, à relação de trabalho que os vincula: trata-se de uma relação entre o capitalista que adianta um capital e o proletário que vende sua força de trabalho, ou de uma relação entre comprador individual que utiliza seu rendimento e o fornecedor de um serviço particular? Repetimos, entretanto, e retomaremos esse ponto mais adiante neste texto, que é irrelevante colocar esse tipo de questão tanto no plano do indivíduo como naquele do tipo de trabalhos efetuados. O exemplo acima mostra que, no caso extremo, uma mesma pessoa poderia ser produtiva em certos momentos e improdutivo em outros. Explicaremos que é também o que se passa na escala social para toda uma categoria de trabalhadores.

Além do intercâmbio da força de trabalho contra o rendimento, há outro caso em que lidamos com o trabalho improdutivo: quando o capital adiantado é ele mesmo empregado na esfera da circulação (por exemplo, capital bancário, comercial,...)

“Vimos no livro II que as funções do capital na esfera da circulação não produzem nem valor nem mais-valia. Recordamos que se trata de operações que o capitalista industrial deve efetuar para realizar inicialmente o valor de suas mercadorias e reconverter, em seguida, este valor em elementos de produção das suas mercadorias – operações que servem para colocarem em movimento as metamorfoses do capital-mercadoria M^P-A-M, portanto atos de venda e de compra. (...) O que vale para a metamorfose do capital-mercadoria em si não é, evidentemente, modificado de nenhum modo pelo fato de uma parte deste capital assumir a forma do capital comercial ou que as operações que

produzem a metamorfose do capital-mercadoria apresentem-se como o negócio particular de uma categoria especial de capitalistas, ou como a função exclusiva de uma fração do capital-dinheiro. Uma vez que a venda e a compra de mercadorias (a que se reduz a metamorfose do capital-mercadoria M^o-D-M) não criam nem valor nem mais-valia quando os próprios capitalistas industriais se ocupam disto, eles não criarão nem um nem outro se outras pessoas se ocuparem disto nos seus lugares.” (Marx, O Capital, Livro III Seção IV Cap. XVII – O lucro comercial)

2.2 O que o trabalho produtivo não é

Um dos elementos essenciais na fabricação da ideologia pelo capital é a mistificação. Marx frequentemente ressaltou a que ponto a realidade, no mundo capitalista, era travestida pelo simples fato de que as verdadeiras relações sociais são ocultadas pelo sistema da mercadoria e do dinheiro. Por isso é que a teoria comunista, como toda atividade científica, procura trespassar o véu das aparências para ir à essência dos fenômenos. Não é o que fazem, evidentemente, os pequeno-burgueses para quem a “verdade” não é outra senão a que está diante dos olhos. Eles terão, portanto, a tendência em comparar fenomenalmente duas formas de trabalho e a considerar que sejam idênticas, caso compartilhem certas características. Marx fustiga esse espírito burguês incapaz de diferenciar duas formas sociais e históricas diferentes.

“É preciso toda a estreiteza de espírito do burguês, que tem a forma capitalista como a forma absoluta da produção e, portanto, sua forma natural, para confundir o que é trabalho produtivo e operário produtivo do ponto de vista do capital com o que é trabalho produtivo em geral, de modo que ele se satisfaz com esta tautologia: é produtivo todo trabalho que produz em geral, ou seja, que conduz a um produto ou valor de uso qualquer, até mesmo a um resultado qualquer que seja.” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e Improdutivo)

Reconhecemos perfeitamente aqui o ponto de vista daqueles que defendem que todo trabalho assalariado é produtivo.

“O *trabalho produtivo* não é mais que uma expressão condensada para designar o conjunto de relações e a maneira como o operário e o trabalho se apresentam no processo de produção capitalista. Por *trabalho produtivo* entendemos então um *trabalho socialmente determinado*, que implica uma relação bem precisa entre vendedor e comprador de trabalho. Assim, o trabalho produtivo intercambia-se diretamente contra o *dinheiro enquanto capital*, um dinheiro que em si é capital, que está destinado a funcionar como capital e que como capital se contrapõe à força de trabalho. Somente é, portanto, produtivo o trabalho que, para o operário, reproduz unicamente o valor previamente determinado de sua força de trabalho e valoriza o capital por uma atividade criadora de valores, colocando diante do operário valores produzidos como capital. A relação específica entre *trabalho objetivado* e *trabalho vivo* que faz do primeiro o capital, faz do segundo *trabalho produtivo*.” (idem)

Retomamos em seguida os diferentes argumentos por meio do método das “contra-teses e teses” que Bordiga utilizava nos seus escritos.

- *Contra-tese*: todo trabalho assalariado é trabalho produtivo.

Tese: Historicamente o salariado nasceu na esfera militar. Em seguida, em um primeiro momento ele se apodera de trabalhos que são efetivamente de preferência trabalhos produtivos, mas as classes médias antigas (agricultores e camponeses) podem ser produtivas, pois podem criar valor (a produção de mais-valia sendo específica do modo de produção capitalista) sem serem assalariadas. À medida que são implantadas as estruturas das organizações modernas que correspondem ao ser do modo de produção capitalista - a empresa -, generalizam-se as funções necessárias à sua gestão embora sejam improdutivoas. Tais funções são asseguradas pelas classes médias modernas, as quais são assalariadas (empregados do comércio, empregados da gestão, da administração de fábricas e de empresas). Do mesmo modo, os funcionários públicos, embora improdutivoas, são assalariados. Assim sendo, se o salariado representa hoje nos países mais desenvolvidos a esmagadora maioria da população ativa, não podemos deduzir daí que o conjunto desta parte da população ativa é produtivo. É uma visão fenomenal e não científica.

“Com o desenvolvimento da produção capitalista, todos os serviços se transformam em trabalho assalariado e todos aqueles que os exercem em trabalhadores assalariados, se bem que eles adquirem este caráter em comum com os trabalhadores produtivos. É isso que incita certas pessoas a confundirem as duas categorias, uma vez que o salário é um fenômeno e uma criação que caracterizam a produção capitalista. Por outro lado, isso fornece a ocasião aos apologistas do capital de transformar o trabalhador produtivo, sob o pretexto de que ele é assalariado, em um trabalhador que troca simplesmente seus serviços (isto é, seu trabalho como valor de uso) contra o dinheiro. Ora, isso é passar comodamente por cima do que caracteriza de maneira fundamental o trabalhador produtivo e a produção capitalista: a produção de mais-valia e o processo de autovalorização do capital ao qual se incorpora o trabalho vivo como simples agente. O soldado é um assalariado, se ele for mercenário, mas ele não é por essa razão um trabalhador produtivo.” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e Improdutivo)

- *Contra-tese:* o trabalho produtivo é o que produz um bem tangível, um objeto concreto.

Tese: Para que haja mercadoria, não é necessário que haja um objeto material concreto. Um serviço pode ser uma mercadoria, neste caso o consumidor compra, por exemplo, o tempo. Os famosos “serviços pessoais”, dos quais nos enchem os ouvidos e que não são mais do que o testemunho da maneira como a sociedade capitalista abandona seus fracos (os doentes, os idosos, os enfermos...), tornam-se um setor produtivo desde que exista uma demanda solvável suficiente para incitar os investidores do capital a criar empresas dedicadas à produção desta mercadoria e que adiantam seu capital na forma de salário para recrutar seu pessoal. No final da jornada, o consumidor não tem em suas mãos nenhuma mercadoria concreta, mas ele foi lavado, cuidado e alimentado.

“Quando falamos da mercadoria como materialização na qual se investe o trabalho – no sentido de seu valor de troca – só temos em vista uma existência imaginária da mercadoria, existência unicamente social, a qual não tem nada a ver com sua realidade física; ela será representada como quantidade determinada de trabalho social ou de dinheiro. Pode acontecer que o trabalho concreto da qual ela é o resultado não deixou nela nenhum vestígio.” (Marx, Teorias sobre a mais-valia, vol. I - Teorias sobre o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo)

- *Contra-tese*: o trabalho produtivo é aquele socialmente útil e o trabalho improdutivo corresponde a tarefas inúteis ou nocivas.

Tese: A linguagem empregada pela teoria revolucionária deve ser e deve conservar-se científica. Não existe nada pior do que transformar o que são conceitos, bem definidos, claramente determinados, em uma interpretação dos mesmos termos em seu uso corrente. Entretanto, é o que fazem nossos adversários quando eles implicitamente assimilam produtivo a “útil” e improdutivo a “inútil”.

Há então uma tendência a “moralizar” os termos “produtivo” e “improdutivo” e a transformá-los em categorias de julgamento. Ora, o modo de produção capitalista, particularmente através do fenômeno da mistificação, encobre as relações sociais travestindo a realidade, colocando tudo às avessas. Para os comunistas, no mínimo deve-se procurar sair das categorias impostas pelo pensamento burguês e não vender barato NOSSAS próprias categorias quando estas permitem fazer um trabalho de desmistificação. O único critério de aplicação, que corresponde estritamente à definição que recordamos do trabalho produtivo, é o que considera a produção de mais-valia.

“O produto específico do processo de produção capitalista – a mais-valia – é criada unicamente pelo intercâmbio com o *trabalho produtivo*. O que constitui o *valor de uso específico* para o capital não é a utilidade particular do trabalho ou do produto no qual ele se objetiva, mas a faculdade de o trabalho criar o valor de troca (mais-valia).” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e Improdutivo)

Devemos distinguir aqui entre o que é útil para a espécie no quadro de sua reprodução e o que é produtivo para o capital.

Em relação a uma necessidade humana, por exemplo, como o fato de se deslocar, o setor automobilístico é produtivo do ponto de vista do capital, apesar de construir um cortejo de absurdos e de prejuízos (centenas de milhares de mortos e de feridos, desperdício de recursos, poluição atmosférica, tempos perdidos, individualismo forçado, etc.). O modo de produção capitalista pode nos inundar de engenhocas, umas mais inúteis do que outras, mas estes setores são produtivos do ponto de vista da valorização do capital. Ao contrário, partes importantes da atividade humana que seriam úteis do ponto de vista social, ou de novas atividades técnicas, por exemplo, não são nem introduzidas nem desenvolvidas, pois não representam nenhum interesse para a valorização do capital. No melhor dos casos, elas são confiadas em certos casos ao Estado (sendo, portanto, despesas improdutivas), e no pior elas não são simplesmente desenvolvidas. Podemos ver, por exemplo, no caso da ecologia como as atividades se desenvolvem efetivamente desde que possam se tornar produtoras de mais-valia (ver, por exemplo, os investimentos em energias renováveis; não são considerações abstratamente humanistas que incentivarão, por exemplo, tal empreendedor a obter uma concessão de energia eólica – supondo que se trate de uma boa escolha tecnológica –, mas o fato de que ela possa trazer um lucro).

Lembremos, portanto, que o trabalho produtivo e improdutivo deve ser julgado como tal do ponto de vista do capital e não do ponto de vista moral.¹ Um trabalho pode ser nocivo frente ao

¹ Esta inversão comum na ideologia banal favorece a confusão que consiste em só conceber a raiz da crítica do capitalismo em nome de interesses gerais da humanidade e não em razão de sua natureza: um sistema de exploração do trabalho vivo para a produção de mais-valia e sua transformação em capital. Para os que defendem a primeira

desenvolvimento humano e totalmente produtivo frente ao capital. Ao contrário, um trabalho pode ser socialmente útil e improdutivo como, por exemplo, o trabalho dos bombeiros.

“Como consequência, decorre que o fato de o trabalho ser produtivo não tem absolutamente nada a ver com o conteúdo determinado do trabalho, sua utilidade particular ou o valor particular no qual ele se materializa. Por conseguinte, o trabalho cujo conteúdo permanece inalterado pode ser produtivo ou improdutivo.” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e Improdutivo)

- *Contra-tese*: falando do trabalhador coletivo, Marx mostrou que o produto não dependia mais unicamente do dispêndio do trabalho individual, mas recorria à cooperação de numerosos trabalhadores. *Portanto, a imensa maioria dos trabalhadores assalariados são trabalhadores produtivos.*

Tese: O trabalho produtivo não é totalmente mensurável individualmente e é um erro metodológico procurar identificar, proletário por proletário, qual é o mais ou menos produtivo e em qual momento. Já mencionamos o caso do jardineiro que presta serviços aos sábados. Marx fala do trabalhador coletivo *na oficina ou na fábrica* (no que concerne ao processo de produção), enquanto nossos adversários o situam no nível da sociedade.²

“Com o desenvolvimento da submissão real do trabalho ao capital, ou modo de produção especificamente capitalista, o verdadeiro agente do processo de trabalho total não é mais o trabalhador individual, mas uma força de trabalho que se combina cada vez mais socialmente. Nessas condições, as numerosas forças de trabalho que cooperam e formam a máquina produtiva total, participam da maneira mais diversa no processo imediato de criação de mercadorias ou, melhor, dos produtos – uns trabalhando intelectualmente, outros manualmente, outros como diretor, engenheiro, técnico ou supervisor³, outros,

posição é de bom tom reivindicar os interesses de todos os homens honestos e não a defesa dos interesses do proletariado. Para esse pensamento humanista, é o desenvolvimento máximo da consciência no interior dos seres humanos, esclarecidos através de seu pensamento profundo, que permitirá o desenvolvimento da ação revolucionária. Daí sua aversão a uma representação da classe revolucionária fundada sobre o trabalho produtivo, seu ódio visceral às lutas ditas “econômicas” e, de maneira global, à vida dos proletários reais e, enfim, no terreno puramente político, seu ódio visceral ao princípio do Partido Comunista e o da ditadura do proletariado.

² Veja por exemplo, como ilustração típica, esta passagem de um texto produzido por um defensor desta contra-tese: “Ela ignora o conceito de “trabalhador coletivo” introduzido por Marx para explicar o fato que o processo de produção em si não era mais efetuado por indivíduos isolados, mas por uma coletividade composta de todos os trabalhadores, inclusive os “colarinhos brancos”, de uma unidade de produção e trabalhando como um todo. É verdade que Marx se referia a este fenômeno, sobretudo ao nível da fábrica, mas *parece legítimo estendê-lo hoje ao nível da sociedade* (sublinhado por nós - RG). Hoje, quase todos os trabalhadores contribuem, seja diretamente, seja indiretamente, à produção do produto social, compreendendo aí sua parte de mais-valia; os instrutores, por exemplo, que formam a força de trabalho dos futuros produtores.” (Buick, A. Sobre a definição de proletariado e de trabalho produtivo, 7 julho 2003).

³ No texto original, Marx diz: „... der andre mehr mit dem Kopf arbeitet, der eine als *manager, engineer*, Technolog etc., der andre als *overlooker*, ...“, conservando em inglês as palavras grafadas em itálico. As traduções dessas palavras nas edições do Capítulo Inédito em espanhol e francês, são equivalentes às que constam da tradução da citação em português. No entanto, *manager*, no sentido geral, é alguém que organiza, conduz, controla atividades, ações, etc. não se reduzindo a atividades administrativas do cargo de um diretor. Historicamente *Engineer* tem um sentido também aplicável ao profissional qualificado que cuida do funcionamento e da manutenção de máquinas, ao que possui e aplica qualificações da mecânica, além daquele que projeta e constrói máquinas (cf. *The Oxford English Dictionary*).

enfim, como operário manual ou mesmo como simples auxiliar. Um número crescente de funções da força de trabalho assume o caráter imediato de trabalho produtivo, os que as executam são operários produtivos diretamente explorados pelo capital, submissos ao seu processo de produção e de valorização.

Se considerarmos o trabalhador *coletivo* que constitui a oficina, sua *atividade* combinada se exprime material e diretamente em um *produto global*, ou seja, em uma *massa total de mercadorias*. A partir de então, é perfeitamente indiferente determinar se a função do trabalhador individual – simples elo do trabalhador coletivo – consiste de mais ou de menos trabalho manual simples. A atividade dessa força de trabalho global é diretamente consumida de maneira produtiva pelo capital no processo de autovalorização do capital: ela produz, portanto, imediatamente mais-valia, ou melhor, como veremos em seguida, *ela se transforma diretamente ela própria em capital.*” (Marx, Um Capítulo Inédito - Trabalho produtivo e improdutivo)

Lendo atentamente a passagem de Marx acima, vemos que a questão é considerar a natureza do trabalho produtivo evitando assimilá-lo a um puro e simples dispêndio físico de trabalho manual. Aqui, novamente, trata-se de desvelar a mistificação e de compreender a relação social para além das aparências. Do mesmo modo que o trabalho produtivo não se reduz à fabricação de objetos concretos, ele não diz respeito apenas aos indivíduos, do conjunto daqueles que operam o processo de trabalho, que estão em contato direto, físico, tangível, com a matéria transformada em produto. Estamos aqui na subordinação real do trabalho ao capital, na qual a ciência é incorporada à produção. Consequentemente, os resultados dos trabalhos anteriores, as teorias, os métodos, enfim todos os frutos de um trabalho passado e de um trabalho coletivo são as condições para que se exerça a atividade imediata do trabalho produtivo. É nesse sentido que Marx evoca o trabalhador coletivo que, na oficina ou na fábrica, pode a partir de então integrar o contramestre, o mecânico ou o engenheiro, o técnico, os quais, neste sentido, fazem parte do proletariado, mesmo se a estatística burguesa os assimila às classes médias, com as quais, aliás, eles têm a tendência em compartilhar o modo de vida e a ideologia⁴. Convém, ao mesmo tempo, não assimilar a totalidade do trabalho fornecido por essas categorias ao trabalho produtivo; como já havíamos dito, pois existe uma relativa interpenetração entre trabalho produtivo e improdutivo. O valor criado é uma função dessa força de trabalho coletiva, que por sua vez contém componentes produtivos e improdutivos, sendo que estes últimos não criam valor (por exemplo, o dirigente da empresa, na sua função especificamente capitalista é improdutivo, ou o gerente de fábrica na sua função especificamente administrativa é também improdutivo).

Mas passar do nível da oficina ou da fábrica para o nível da sociedade nos conduz a erros: o pesquisador de um centro de pesquisa estatal não faz parte do trabalhador coletivo e não é, neste sentido, um trabalhador produtivo, do mesmo modo que o professor de universidade pública que forma os futuros engenheiros. Salvo se cairmos na ladainha das profissões e no exame infinito de cada situação particular, é difícil distinguir nitidamente as categorias em função de seu caráter produtivo ou improdutivo. Seria cair na metafísica e, de certa maneira, colocar em xeque o que foi dito mais acima sobre o fato de que os dois aspectos são frequentemente interpenetrados. No

⁴ Ao contrário, há “verdadeiras” classes médias, improdutivas, cujos membros vivem em condições de vida próximas à do proletariado, sem que façam parte dele.

próprio interior do trabalho improdutivo, certos trabalhos revelam-se *indiretamente* produtivos, especialmente aqueles que dizem respeito à produção e à reprodução da ciência. Mas seria abusivo ampliar o estatuto de todos os “trabalhadores intelectuais” ao do proletário sob o pretexto de que eles fariam parte de um “trabalhador coletivo”. A citação acima mostra claramente que Marx liga a noção de trabalhador coletivo à oficina e por uma parte à fábrica, mas não a estende à sociedade inteira⁵.

- *Contra-tese*: somente o trabalho dos operários da indústria é produtivo.

Tese: Trata-se sempre do mesmo erro que consiste em analisar a questão do trabalho produtivo e improdutivo a partir das *formas* do trabalho e não da relação social que lhe serve de base. Se todo trabalho operário, submetido diretamente ao capital, é produtivo, todo trabalho produtivo não é operário. Se no século 19 os dois níveis tinham a tendência de se confundirem, a evolução do modo de produção capitalista introduziu um embaralhamento destas categorias. Vimos isso acima com os técnicos e as categorias encarregadas realizar a integração dos resultados científicos à produção (engenheiros, etc.). Vimos isso igualmente, ao considerar o setor de serviços, que não produz bens materiais tangíveis. Do mesmo modo, podemos observar – ainda que faltem dados estatísticos confiáveis – uma relativa porosidade entre os trabalhadores produtivos e improdutos, por exemplo, como no caso de estudantes que trabalham para o McDonald’s, jovens proletários encadeando trabalhos temporários em diversos ramos, de operárias demitidas tornando-se amas-de-leite ou babás de crianças, etc.

Contra-tese: só o trabalho da indústria é produtivo

Tese: as categorias do setor primário (agricultura), secundário (indústria) e serviços (terciário) são categorias totalmente forjadas pela economia política, que, além disso, considera esta categorização como uma sucessão histórica, a indústria sucedendo a agricultura antes de ser, ela própria, suplantada pelos serviços.⁶ Ora, o proletário existe em todos os setores, começando pelo proletariado agrícola. Quanto aos serviços, eles constituem também um setor no qual o proletariado e, portanto, o trabalho produtivo, está necessariamente presente (por exemplo, o transporte de mercadorias, o reparo, a manutenção...). De outro lado, tanto na indústria como nos serviços ou na agricultura, temos igualmente o desenvolvimento de um trabalho improdutivo, especialmente em todas as tarefas ligadas à circulação do capital (comércio, banco, seguro, marketing, publicidade, ...)⁷. Um dos principais erros teóricos que gera essa visão consiste

⁵ Sem cometer esse tipo de erro, seria, contudo, interessante prosseguir a análise de Marx integrando o desenvolvimento das formas de cooperação introduzidas na empresa moderna que implicam a cooperação de produtores distantes, especialmente na escala internacional (quando uma mercadoria é o produto da cooperação de um grande número de operários disseminados em diversos países, de operários do transporte, da logística, etc.) Desse ponto de vista, a forma técnica é simultaneamente complexificada e fragilizada (toda ruptura em um lugar da cadeia conduz à paralisia do conjunto).

⁶ Se acreditarmos nas estatísticas, na França a indústria não teria sido jamais preponderante. Teríamos passado diretamente da dominação da agricultura à dos serviços.

⁷ Reforçando a citação do final da seção 2.1 quanto ao comércio, ao capital comercial: “O capital comercial só é capital como função no interior da esfera da produção. O processo de circulação é uma fase da totalidade do processo de reprodução. Mas nem um valor, portanto, nenhuma mais-valia, é produzida ao longo do processo de circulação. Produzem-se aqui apenas modificações formais da mesma massa de valor, as quais se resumem de fato à metamorfose das mercadorias que nada têm a ver com uma criação ou uma modificação de valor. Se uma mais-valia

em ver na produção industrial a única medida do desenvolvimento da economia capitalista e de seu ciclo, embora o valor e a mais-valia sejam produzidos, em diferentes graus, em todos os setores.

é realizada durante a venda da mercadoria produzida é porque esta última já a contém.” (Marx, O Capital, Livro III Seção IV, Cap. XVI – O capital comercial)

3. Trabalho produtivo, trabalho improdutivo e classes sociais

Evidentemente, a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo não é somente útil de um ponto de vista científico, ela é também importante em termos da ação política e da tática, particularmente porque é também em torno desta distinção que se distribui a repartição da população em classes sociais distintas, cujos interesses são diferentes e, no caso do proletariado e da burguesia, irredutivelmente opostos. Mais acima pudemos ver também como as formas modernas do salariado contribuem, em certos casos, para turvar as fronteiras e como certas partes do proletariado e/ou das classes médias oscilam entre as duas categorias.

Vimos as diferenças entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo. Marx explica que, historicamente, as duas formas são impelidas a crescer: aumento do número de trabalhadores produtivos e paralelamente aumento (ainda mais rápido) do número de trabalhadores improdutivos.

A tendência geral desse movimento conduz então a um acréscimo relativo da classe média em relação ao proletariado, o qual aumenta igualmente, mas somente em termos absolutos. Traçando a perspectiva do desenvolvimento capitalista sob o efeito de um crescimento da produtividade do trabalho⁸, Marx escreve:

“Vamos supor que, graças à produtividade da indústria, chegamos ao ponto em que apenas 1/3 da produção, no lugar dos 2/3 inicialmente, participa doravante diretamente na produção material. Um terço fornece, a partir de então, as subsistências para os 3/3, enquanto que antes 2/3 as forneciam para 3/3. Antes, 1/3 era de *rendimento líquido* (distinto do rendimento do operário), agora são 2/3. Fazendo abstração da oposição entre as classes, a nação teria necessidade agora não mais dos 2/3 como inicialmente, mas de 1/3 de seu tempo para a produção direta. Com uma repartição equitativa todo mundo teria 2/3 do tempo para dedicar aos trabalhos improdutivos, aos lazeres. Mas na produção capitalista tudo parece e de fato é contraditório. A hipótese não implica que a população fique estacionária. Se houver um aumento dos 2/3, há igualmente aumento dos 1/3. Considerando a *massa*, um número cada vez maior poderia, portanto, estar ocupado no trabalho produtivo. Mas em termos relativos, em relação à população total, haveria sempre 50% menos que anteriormente. Esses 2/3 seriam então compostos em parte por detentores do lucro e da renda, em parte por trabalhadores improdutivos (mal pagos devido igualmente à concorrência), os quais ajudariam os primeiros a consumir seu rendimento, mas lhes dando em troca um equivalente em serviços, ou impondo-lhes seus serviços, como os trabalhadores políticos improdutivos. Poderíamos supor que – com exceção dos bajuladores, soldados, marinheiros, agentes de polícia, funcionários subalternos, etc., amantes, moço de estrebaria, palhaços, malabaristas – esses trabalhadores improdutivos seriam, no conjunto, mais cultos do que os trabalhadores improdutivos anteriores e que, sobretudo, o número de artistas, músicos, advogados, médicos, cientistas, professores, inventores, etc. mal pagos também aumentariam.

⁸ Para não tornar o texto pesado, colocamos em anexo um comentário detalhado desta citação.

No interior da classe produtiva, haveria aumento do número de intermediários comerciais, mas, sobretudo, das pessoas empregadas na construção de máquinas, nas ferrovias, nas minas; assim como os trabalhadores agrícolas ocupados na criação do gado, os trabalhadores empregados na produção de matérias químicas minerais para adubos; também aumentaria o número de agricultores que cultivam matérias primas para a indústria em relação aos que produzem víveres, e os que produzem alimentos para o gado aumentariam em relação aos que produzem alimentos para os homens (...) o número de operários agrícolas diminuiria em relação aos operários da manufatura. Enfim, os operários de luxo aumentarão, pois com o aumento da renda haverá mais consumo de produtos de luxo.” (Marx, Teorias sobre a mais-valia – Sobre o trabalho produtivo e improdutivo).

Mas porque o capital desenvolveria o trabalho improdutivo, uma vez que ele, por definição, não lhe rende nada e mesmo custam-lhe despesas extras?

Em primeiro lugar, ele é obrigado a isso, pois uma parte de suas funções improdutivas lhe é necessária para sua gestão, e também na esfera da circulação do capital, para realizar o capital e a mais-valia. No interior das empresas (a empresa sendo a forma jurídica moderna da unidade no interior da qual se efetua a produção e a reprodução da sociedade), constatamos o desenvolvimento constante de funções ligadas ao disciplinamento, à supervisão e à realização das funções úteis para o capital como o marketing, a publicidade, a gestão, etc. Essas funções são mais ou menos parasitárias. O capital adiantado nessas atividades participa no estabelecimento da taxa de lucro média e, tanto aqui como lá, ele procura racionalizar a ação dos trabalhadores empregados de maneira improdutivo.

De outra parte, a hipertrofia do aparelho de Estado, necessário para administrar e enquadrar o desenvolvimento da sociedade, pesa ao mesmo tempo gravemente sobre a rentabilidade global do capital – donde o discurso recorrente sobre a necessidade de tirar as gorduras do aparelho de Estado.⁹

É preciso igualmente citar o desenvolvimento do capital fictício e da renda fundiária que favorece o desenvolvimento de intermediários improdutivos (agentes intermediários, agentes imobiliários, especialistas em colocação, ...)

No fundo do desenvolvimento de todas essas categorias reside o papel econômico que é o de consumir, desperdiçar, dilapidar a mais-valia, função que a classe capitalista não pode efetuar plenamente, de um lado porque fica fisicamente limitada pelo número, e de outro porque fica dividida entre a paixão da acumulação e a paixão do consumo. O desenvolvimento desenfreado da força produtiva do trabalho a conduz a desenvolver ao mesmo tempo em que a mais-valia a massa de mercadorias em proporções consideráveis (conflito valorização/desvalorização). Convém então frear esta tendência inerente à acumulação, resultado obtido graças ao desenvolvimento das classes médias modernas cujo papel social é o de consumir esta mais-valia e,

⁹ A França constitui um bom exemplo, onde os funcionários representam 25% dos trabalhadores assalariados. Veja a célebre análise de Marx sobre o desenvolvimento do estado na França em “O 18 Brumário de Luis-Napoleão Bonaparte”.

por isto, limitar os efeitos da acumulação. O desenvolvimento dessas classes é cada vez mais uma formidável muralha econômica e social entre o capital e o trabalho.

“O que ele (Ricardo, N.D.R.) esquece-se de destacar, é o crescimento constante das classes médias que se encontram no meio, entre os operários de um lado, o capitalista e o proprietário fundiário do outro, as quais se alimentam diretamente no essencial, e em proporção cada vez maior, do rendimento, que pesam como um fardo sobre a classe operária aumentando a segurança e a potência sociais das dez mil famílias mais ricas.” (Marx, Teorias sobre a mais-valia – Miscelâneas ricardianas. Conclusão de Ricardo.)

O capital, ao longo do seu desenvolvimento, libera uma potência enorme que é incapaz de canalizar, uma potência considerável que é preciso dissipar, pois senão ela acabará explodindo a sociedade. Ele deve então dilapidá-la desenvolvendo o parasitismo, os trabalhos inúteis. A classe média moderna, assalariada, tem como função social, entre outras, a de fazer este papel de dilapidação da mais-valia. Assim, uma vantagem que retira o capital desse crescimento do trabalho improdutivo é o de desenvolver uma classe média que, de uma parte lhe permite secar como uma esponja o excedente social ao estar centralizada no consumo, e de outra parte lhe serve de amortecedor social na luta das classes. A existência e o desenvolvimento dessa classe intermediária de um novo tipo, distinta das antigas classes médias produtivas foram antecipadas por Marx, mesmo se existem poucos elementos em sua obra sobre isto.

Para Marx, a produção capitalista, com o desenvolvimento da produtividade do trabalho e da mais-valia relativa, (forma da mais-valia característica da subordinação real do trabalho ao capital), tende a aumentar, relativamente, o trabalho improdutivo em relação ao trabalho produtivo, a massa daqueles que vivem do sobretrabalho, do “produto líquido”, em relação àqueles que vivem do trabalho necessário.

“O ideal supremo da produção capitalista é – ao mesmo tempo em que ela aumenta de maneira relativa o produto líquido – diminuir ao máximo possível o número daqueles que vivem do salário e aumentar ao máximo possível o número daqueles que vivem do produto líquido.” (Marx, Capítulo inédito do Capital – A produção capitalista como produção de mais-valia)

Tudo isso mostra igualmente a enorme pressão que pesa sobre os ombros do proletariado. Vemos também aí, imediatamente, que são possíveis os formidáveis ganhos de produtividade na sociedade futura – abaixando simultânea e sensivelmente o tempo de trabalho –, em particular, por exemplo, centralizando a produção, estourando os grilhões da empresa proprietária e generalizando o trabalho produtivo ao conjunto dos membros da sociedade.

O desenvolvimento da força produtiva do trabalho, na perspectiva de obter o máximo de mais-valia, tem como efeito aumentar a taxa e a massa de mais-valia produzida por operário (permanecendo inalteradas todas as demais condições), ao mesmo tempo em que igualmente aumenta a quantidade de mercadorias fabricadas, e isto relativamente mais rápido. Na mesma ocasião torna-se possível, correlativamente à alta da exploração, a existência de uma classe média que viverá do sobretrabalho.

4. Consequências teóricas e práticas para o campo revolucionário

Nossos adversários não têm em geral um gosto moderado pelo trabalho teórico e nos passam com prazer uma imagem de teóricos de gabinete. Para eles, o estudo do caráter produtivo ou improdutivo do trabalho ou de tal ou qual categoria de trabalhador assemelha-se à discussão sobre o sexo dos anjos. Ora, a questão do trabalho produtivo e improdutivo diz respeito à definição do caráter de classe de um movimento de massas, sendo uma questão crucial para determinar a atitude do partido do proletariado, especialmente, em relação às classes médias modernas.

Entretanto, historicamente a distinção trabalho produtivo/trabalho improdutivo não corresponde totalmente à distinção proletariado/classes médias antigas (artesãos, camponeses, que não se nascem na base do modo de produção capitalista desenvolvido). Enquanto predomina a subordinação formal do trabalho ao capital, a sociedade ainda é amplamente composta de camponeses, de artesãos, cujo trabalho é criador de valor. A teoria comunista considera-os como classes médias, no sentido em que estão colocadas entre a burguesia e o proletariado. Estas classes médias antigas produzem valor, mas não mais-valia. Elas diminuem constantemente em número, a exemplo dos lojistas ou de pequenos camponeses proprietários. As classes médias modernas não produzem nada. Elas aumentam em número, fazendo pressão sobre o proletariado, como já mostramos mais acima na sequência de Marx.

Do mesmo modo que a tática diante dessas classes (especialmente os camponeses) constituem uma cartada teórica e prática fundamental para todo o movimento comunista dos séculos 19 e 20, hoje os comunistas não podem chegar a um impasse sobre esta questão, nem se refugiar atrás do mito do caráter produtivo da totalidade do assalariado, pois esta posição leva a graves desvios, como mostraremos logo abaixo.

Na tática defendida historicamente pelo partido comunista, o proletariado devia realizar a conquista e a adesão de uma parte dessas classes médias antigas, como pudemos ver na revolução russa no que diz respeito aos camponeses. Mas essas classes estão fadadas a diminuir consideravelmente com a expansão do modo de produção capitalista, o que a teoria previa e que foi verificada (por exemplo, tem-se hoje na França menos de 3% da população ativa empregada na agricultura - onde a parte do assalariado é crescente - e este fenômeno foi amplamente antecipado nos países de desenvolvimento capitalista mais moderno como a Inglaterra e a Alemanha). O declínio dessas antigas classes médias, fator de conservadorismo na sociedade, podia ser visto como um fato positivo pelos revolucionários. É assim que Trotsky, por exemplo, em *“Terrorismo e comunismo”*, via nessas classes sociais um dos fundamentos da ideologia democrática e explicava também o que ele via como declínio histórico da democracia.

Por outro lado, o capitalismo moderno, com a predominância da subordinação real do trabalho ao capital via crescer consideravelmente, em paralelo com o proletariado, as classes médias assalariadas, que trabalham na esfera da distribuição, da administração, pública ou privada, quando não se trata de puros e simples parasitas. Assim, quando falamos de classes médias do passado, incluímos também tanto elementos improdutivos (burocratas, empregados do comércio) como produtivos (camponeses, artesãos,...).

Por isso é que, nesta parte, abordaremos as consequências às quais forçosamente se chega quando se adota o ponto de vista de nossos adversários, segundo os quais a imensa massa da população que trabalha é composta de trabalhadores produtivos.

Parece mesmo que nossos contraditores não estejam conscientes da amplitude das consequências teóricas e políticas de suas posições. Para eles, de início, é simplesmente inútil falar dessas velharias, desses conceitos obsoletos, tal discussão não teria mais razão de ser. Ora, se eles se dispuserem a prestar a atenção quando chegar o momento de um movimento de contestação social, seria interessante alertá-los sobre as consequências decorrentes do abandono desta distinção (entre trabalho produtivo e trabalho improdutivo): nada menos do que **o abandono de toda posição revolucionária**.

Quanto ao desafio prático, a questão poderia muito pragmaticamente resumir-se a esta interrogação: onde está o inimigo? Se a condição do proletário é definida pelo montante do salário, pelas “condições de vida”, se a distinção entre trabalho produtivo e improdutivo não existe mais, então o que o proletariado teria que abater é uma pequena minoria de privilegiados, solidamente apoiados pela sua polícia e suas forças armadas. Uma vez que todo assalariado é um proletário, 90% da população dos grandes países modernos formam o corpo da revolução.

Ora, o que seria uma revolução feita nessas condições?

- a) Ela poderia ser pouco violenta, uma simples oscilação das relações de forças em um momento de crise social aguda. A minoria de improdutivos, aqui assimilada à classe capitalista pura, poderia ser rapidamente subjugada ou, em todos os casos, ser colocada fora da condição em que pudesse prejudicar alguém. A consequência política aqui é clara: esse ponto de vista empurra para o pacifismo, a conciliação, a rejeição da violência revolucionária, para um partido comunista (oh perdão! não existe mais, evidentemente, a necessidade de partido), covarde nos seus discursos e nas suas ações.
- b) Ela seria antes de tudo um fato de consciência e não o resultado de um processo histórico material produzido pelas evoluções complexas da sociedade. Bastaria que a imensa massa dos “proletários” (ou seja, na sua concepção, dos assalariados), amplamente majoritária, tornasse consciente de sua força para tomar o poder. O principal trabalho dos revolucionários seria a partir de então argumentar, sem trégua, para convencer o proletariado da natureza de sua tarefa. Essa visão rompe totalmente com a teoria da alienação de Marx que mostra que somente a classe produtiva, na medida em que ela produz e reproduz materialmente o conjunto da sociedade, é capaz de elaborar a teoria e de conduzir a prática da demolição dessa sociedade. Na medida em que apenas o trabalho produtivo produz seu contrário - o capital -, ele é simultaneamente o único a ser verdadeiramente alienado e o único a poder destruir as condições dessa alienação. Se essa ação é humanamente revolucionária, é que: “toda submissão do homem está implicada na relação do trabalhador com a produção e que todas as relações de servidão não são mais que variantes e consequências desta relação.” (Marx, Manuscritos de 1844). O objetivo histórico do proletariado não é o de instaurar uma nova sociedade de classes, pois o desenvolvimento da base material da sociedade atingiu o nível em que apenas a abolição das classes pode permitir um desenvolvimento social ulterior. Se, no seu movimento, o proletariado não poderá vencer a não ser se for capaz de arrastar atrás dele a massa da classe média, por outro lado as revoltas destas são insuficientes para ameaçar verdadeiramente a potência do capital, pois elas não possuem a alavanca que permitiria revirá-

lo. Mas Marx dizia também, em outro contexto, que as classes médias entregam ao proletariado o “bilhete de entrada” na cena da revolução.

- c) Mas, sobretudo, no fundo, a negação do trabalho improdutivo queria dizer também que o comunismo não está maduro, pois mascara também o enorme avanço da produtividade do trabalho, ela mesma mascarada pelo crescimento relativo do trabalho improdutivo. Nossos “revolucionários” chegam também a dissimular e a negar a amplitude da exploração da qual o proletariado é vítima. O enorme crescimento das taxas de produtividade desde a segunda guerra mundial não tem evidentemente o mesmo significado se o referenciarmos a 90% da população ativa, considerada como produtiva, ou ao proletariado real. No primeiro caso temos uma constância relativa da exploração, no segundo uma prova concreta da extraordinária intensidade de exploração que repousa sobre os ombros do proletariado. Renunciar à distinção entre trabalho produtivo e improdutivo, é renunciar à própria ideia da exploração do proletariado.

Mas de onde vem a possibilidade material do comunismo senão do crescimento potencialmente infinito da produtividade do trabalho no modo de produção capitalista?

Se a base produtiva é a que descrevem nossos adversários, então ela é uma base limitada, ao contrário das aparências, pois ela repousa sobre uma maior quantidade de trabalhadores. Isso significa que a produtividade individual não é tão forte. Isso significa, sobretudo, que existe pouca possibilidade de aumentar socialmente essas margens de produtividade.

Onde residiria então a possibilidade de reduzir drasticamente o tempo de trabalho necessário, condição do desenvolvimento social do indivíduo através da expansão do trabalho livre?

Se todo o trabalho atual, ou quase todo, é produtivo, não vemos muito bem qual margem existiria para atingir um dos objetivos fixados, especialmente para o período de transição, de uma redução do tempo de trabalho global de pelo menos a metade. Além disso, isso significaria dizer que a capacidade de produção de riqueza da sociedade permaneceu em geral muito fraca, se esta capacidade for distribuída pelo conjunto da população ativa assalariada e não somente sobre sua parte produtiva.

Sobre tal base insuficiente, a socialização dos meios de produção e de troca não seria mais do que a divisão do que existe e não mais um salto qualitativo na direção de outra sociedade, salto assim descrito por Marx e Engels no "Manifesto do partido comunista":

“No lugar da antiga sociedade burguesa, com suas classes e seus antagonismos de classes, surge uma associação na qual o livre desenvolvimento de cada um é a condição do livre desenvolvimento de todos.”

Em tal base, o projeto revolucionário parece utopista, a não ser que nivele a sociedade, que pregue uma espécie de socialismo espartano que gerenciaria a penúria. Não é por acaso que pululam malthusianos em parte da esquerda, os quais adotam todas as teses reacionárias dos ecologistas sobre a crítica do progresso técnico, a necessidade do “decrescimento” (a identificação desta ideia está lá, em Marx, por exemplo, mesmo se ele não emprega esta palavra). Relembremos que Marx considerava Malthus como um dos adversários burgueses mais determinados contra o proletariado.

“Um país é tanto mais rico quanto mais reduzida for sua população produtiva *em relação* ao produto total; isto também vale para o capitalista individual, pois quanto menos necessidade ele tiver de trabalhadores para produzir o mesmo *excedente*, melhor para ele. O país é tanto mais rico quanto mais reduzida for a população produtiva em relação à improdutiva, para a mesma produção. Pois o número relativamente fraco da população produtiva não seria então mais do que uma maneira de exprimir o grau relativo da produtividade do trabalho.” (Marx, Teorias sobre a mais-valia – Sobre o trabalho produtivo e improdutivo)

Ao mesmo tempo, o fato de reconhecer que existem classes médias, que estas classes médias sejam improdutivas, não significa de maneira alguma que os revolucionários devem ficar indiferentes à vida social, ao desenvolvimento e à história destas classes que, por definição, *não são*, contrariamente ao proletariado, classes revolucionárias. Ao contrário, a questão que se coloca é a de saber como, ao menos as classes médias “inferiores” (empregados, trabalhadores da distribuição e do comércio, pequenos funcionários...) serão levados a se inclinar para o lado do proletariado.

Essa questão deve ser objeto de um trabalho aprofundado que nós nem mesmo começamos aqui. O importante é restituir inicialmente o quadro teórico no qual ela pode ser estudada. No entanto, algumas questões específicas podem ser enunciadas.

- Vimos acima, conforme a teoria, que o corpo do trabalho produtivo cresce e o do trabalho improdutivo também, mas isto como tendência e de maneira relativa. Há então uma parte do corpo social que é referida pelos dois aspectos, portanto indecisa entre duas representações, dois modos de vida, duas consciências. Haveria exploração de uma parte e frenesi do consumo de outra (que é o papel social da classe média moderna assalariada). Por outro lado, tem-se uma deterioração da consciência pela mercadoria e uma influência da ideologia imediatista da classe média sobre o proletariado. Isso seria então um fator simultaneamente negativo e positivo para a luta das classes.
- Qual deverá ser a tática do partido comunista na expressão dos interesses do proletariado além da sua defesa material imediata?
- A adesão das classes médias (ou pelo menos de uma parte delas) será possível na fornalha de um movimento revolucionário, mas isto significará também que no movimento haverá elementos híbridos e impuros importando sua ideologia. Donde a importância da questão do partido, pois apenas ele pode forjar um ser coletivo superando as diferenças de classe em seu seio, ao mesmo tempo em que mantém a força de uma visão histórica e de tradição revolucionária do proletariado. O proletariado não existe como classe senão quando se constitui em partido político.
- Em qual medida a ideologia socialista pequeno-burguesa, que é o nível de consciência mais elevado que podem atingir essas classes médias por si próprias, poderia levá-las ao limiar de uma adesão à teoria do proletariado?
- Como, no período de transição será abordada a questão da repartição das atividades, do aumento da produtividade do trabalho nos setores atualmente improdutivos para o capital, mas socialmente úteis (com o objetivo de diminuir o tempo de trabalho)? Como se transformarão as atividades improdutivas para o capital em atividades “produtivas” para a nova sociedade? etc.

Todas essas questões, e outras, são cruciais para o futuro do movimento revolucionário. Elas merecem mais do que discussões aproximativas: um verdadeiro trabalho teórico de aprofundamento e de desenvolvimento dos conceitos da teoria revolucionária.

“Vamos supor que, graças à produtividade da indústria, chegamos ao ponto em que apenas $1/3$ da produção, no lugar dos $2/3$ inicialmente, participa doravante diretamente na produção material. Um terço fornece, a partir de então, as subsistências para os $3/3$, enquanto que antes $2/3$ as forneciam para $3/3$. Antes, $1/3$ era de *rendimento líquido* (distinto do rendimento do operário), agora são $2/3$. Fazendo abstração da oposição entre as classes, a nação teria necessidade agora não mais dos $2/3$ como inicialmente, mas de $1/3$ de seu tempo para a produção direta. Com uma repartição equitativa todo mundo teria $2/3$ do tempo para dedicar aos trabalhos improdutivos, aos lazeres. Mas na produção capitalista tudo parece e de fato é contraditório. A hipótese não implica que a população fique estacionária. Se houver um aumento dos $2/3$, há igualmente aumento dos $1/3$. Considerando a *massa*, um número cada vez maior poderia, portanto, estar ocupado no trabalho produtivo. Mas em termos relativos, em relação à população total, haveria sempre 50% menos que anteriormente. Esses $2/3$ seriam então compostos em parte por detentores do lucro e da renda, em parte por trabalhadores improdutivos (mal pagos devido igualmente à concorrência), os quais ajudariam os primeiros a consumir seu rendimento, mas lhes dando em troca um equivalente em serviços, ou impondo-lhes seus serviços, como os trabalhadores políticos improdutivos. Poderíamos supor que – com exceção dos bajuladores, soldados, marinheiros, agentes de polícia, funcionários subalternos, etc., amantes, moço de estrebria, palhaços, malabaristas – esses trabalhadores improdutivos seriam, no conjunto, mais cultos do que os trabalhadores improdutivos anteriores e que, sobretudo, o número de artistas, músicos, advogados, médicos, cientistas, professores, inventores, etc. mal pagos também aumentariam.

No interior da classe produtiva, haveria aumento do número de intermediários comerciais, mas, sobretudo, das pessoas empregadas na construção de máquinas, nas ferrovias, nas minas; assim como os trabalhadores agrícolas ocupados na criação do gado, os trabalhadores empregados na produção de matérias químicas minerais para adubos; também aumentaria o número de agricultores que cultivam matérias primas para a indústria em relação aos que produzem víveres, e os que produzem alimentos para o gado aumentariam em relação aos que produzem alimentos para os homens (...) o número de operários agrícolas diminuiria em relação aos operários da manufatura. Enfim, os operários de luxo aumentarão, pois com o aumento da renda haverá mais consumo de produtos de luxo.” (Marx, Teorias sobre a mais-valia – Sobre o trabalho produtivo e improdutivo).

Marx, na citação acima, compara a sociedade em dois momentos diferentes. Nos dois casos temos que nos haver com uma reprodução simples do capital social, ou seja, que supomos o consumo do conjunto da mais-valia para fins individuais; nenhuma fração de mais-valia é acumulada.

Podemos tentar ilustrar mais precisamente o exemplo dado por Marx e as relações entre as classes que ele induz. Admitamos que no tempo 1 o número de proletários seja de 10 milhões de indivíduos. Eles representam $2/3$ da população empregada e, portanto, as outras classes que vivem do sobretrabalho são constituídas de 5 milhões de indivíduos. É, certamente suposto, como fez Marx na quase totalidade de suas análises, que a produção capitalista

domina o conjunto dos ramos de atividade, que temos aqui um capitalismo “puro”. Nesse contexto postulamos que o salário médio do proletariado e o salário médio das outras classes são idênticos, hipótese particularmente favorável ao proletariado.

Como a mais-valia é inteiramente consumida, a relação entre as classes é equivalente à taxa de mais-valia. Então, a taxa de mais-valia se eleva a 5/10 (ou 0,5). A mais-valia materializa-se exclusivamente no rendimento das outras classes da sociedade. Se cada proletário trabalha 2.000 horas por ano, a massa de trabalho vivo é de 2.000 x 10.000.000, ou seja, 20 bilhões de horas de trabalho (20 x 10⁹). Nestas 20 bilhões de horas, 2/3 servem à reprodução da força de trabalho da classe produtiva e o terço restante à conservação das outras classes. Supondo que o valor do capital constante (trabalho morto) seja igualmente de 20 bilhões de horas de trabalho, o valor total da produção será de 40 bilhões de horas (trabalho morto + trabalho vivo).

Qual é a taxa de lucro?

Seja t a taxa de mais-valia, p a taxa de lucro, mv a massa de mais-valia, c o valor do capital constante, v o valor do capital variável e n a composição orgânica do capital ($n = c/v$). O trabalho vivo ($v + mv$) fornecido pela classe proletária é repartido da maneira seguinte: 2/3 para v (a proporção do proletariado na sociedade), ou seja, 13,3 bilhões de horas de trabalho, e 1/3 para mv (a proporção das classes que vivem do sobretrabalho), ou seja, 6,7 bilhões de horas de trabalho. Temos então:

$$n = \frac{c}{v} = \frac{20 \times 10^9}{\frac{2}{3} \times 20 \times 10^9} = \frac{3}{2}, \text{ portanto } p = \frac{mv}{c+v} = \frac{\frac{mv}{v}}{\frac{c}{v}+1} = \frac{t}{\frac{c}{v}+1} = \frac{\frac{1}{2}}{\frac{3}{2}+1} = \frac{1}{5} = 0,2$$

Com uma taxa de mais-valia de 1/2 e uma composição orgânica de 3/2 a taxa de lucro seria de 20%.

Marx não considera, de maneira geral, uma diminuição do número absoluto de proletários (o que não impede que tal diminuição possa existir em um ou outro ramo). Consequentemente, as classes médias salarizadas aumentam como quer a teoria, e este aumento se faz, conforme igualmente à teoria, de maneira relativa em relação ao proletário. Isso implica *um crescimento tendencialmente mais rápido das classes médias em relação ao crescimento dos trabalhadores produtivos*. Podemos constatar, tanto nesse ponto como em numerosos outros, a validade integral da previsão da teoria comunista.

Isso significa também que uma parte crescente da mais-valia é destinada à manutenção das classes que vivem sobre as costas do proletariado, enquanto aumenta a própria mais-valia, testemunho do crescimento da exploração do proletariado.

Suponhamos que no tempo 2 o número de proletários seja de 12 milhões de indivíduos. Eles representam agora 1/3 da população ocupada contra 2/3 precedentemente, o que supõe que as outras classes compreendem agora 24 milhões de indivíduos. Enquanto a classe produtiva aumentou de 20% (de 10 milhões para 12 milhões), as classes médias foram multiplicadas aproximadamente por 5 (de 5 milhões para 24 milhões). A taxa de mais-valia é doravante de

2, conforme a relação entre a população improdutiva e a população proletária (isto é, $t = mv / v = (2/3) / (1/3) = 2$). Ela foi então multiplicada por 4 (de 0,5 para 2). No mesmo tempo, a população ocupada mais que dobrou, passando de 15 a 36 milhões de indivíduos. Nesse caso particular, em que comparamos dois estágios da sociedade baseados na reprodução simples, a parte da mais-valia consumida na mais-valia total é sempre de 100%. A mais-valia suplementar obtida graças ao acréscimo da taxa de mais-valia e graças ao aumento do número de proletários (massa de mais-valia) é sempre destinada exclusivamente à sustentação das classes improdutivas.

Temos então, no tempo 2, um progresso da produção capitalista que implica,

“ao mesmo tempo tanto uma diminuição crescente do capital variável em relação ao capital constante, como uma composição orgânica sempre mais elevada do capital total. A consequência imediata disto é que a taxa de mais-valia se exprime em uma taxa de lucro geral incessantemente decrescente e que o grau de exploração permanece inalterado, ou mesmo aumenta. (...) Assim, a tendência crescente à queda da taxa de lucro geral é simplesmente uma *maneira, própria ao modo de produção capitalista*, de traduzir o progresso da produtividade social do trabalho.” (Marx, O Capital, III, 3ª Seção: Lei da queda tendencial da taxa de lucro, cap. XIII – Natureza da lei).

Qual deve ser o nível da composição orgânica para que a taxa de lucro caia?

Para que, no tempo 2, a taxa de lucro seja idêntica à daquela do tempo 1 (20%) a composição orgânica deve ser igual a:

$$p = \frac{mv}{c+v} = \frac{\frac{mv}{v}}{\frac{c}{v}+1} = \frac{t}{n+1}, \quad n \times p + p = t, \quad \text{e} \quad n = \frac{t}{p} - 1$$

Sabemos que $t = 2$ e que $p = 0,2$. Conseqüentemente:

$$n = \frac{2}{0,2} - 1 = 9$$

Por conseguinte, para que a taxa de lucro caia a composição orgânica deve ser superior a 9.

Supondo uma composição orgânica de 10, obtemos uma taxa de lucro de $p = \frac{2}{10+1} = 2/11$, ou seja, aproximadamente 18%. A composição orgânica foi, portanto, nas nossas hipóteses, multiplicada por mais de 6 (ela era de 1,5 no tempo 1).

Se supusermos que a duração e a intensidade do trabalho mantêm-se constantes ou que o aumento da intensidade é compensado por uma redução da duração do trabalho, podemos deduzir o valor representado pelo trabalho vivo. A população proletária fornece 24 bilhões de horas de trabalho direto. O capital variável representa 1/3 desta massa (proporção da população proletária na população empregada), ou seja, 8 bilhões de horas de trabalho. Conseqüentemente, a mais-valia representa um total de 16 bilhões de horas de trabalho.

A relação do trabalho vivo em relação ao trabalho morto corresponde em Marx, *no caso da reprodução simples*, à relação entre as duas grandes seções do capital produtivo descritas no livro II do “Capital”, a saber: o setor dos meios de produção e o setor de meios de consumo individuais. Com efeito, na reprodução simples a troca entre os setores I (meios de produção) e II (meios de consumo individuais) é dada pela equação: $c_{II} = v_I + mv_I$, em que c_{II} é o capital constante da seção II, v_I e mv_I são, respectivamente, o capital variável e a mais-valia da seção I. Como o capital da seção II vale $c_{II} + v_{II} + mv_{II}$, ou $v_I + mv_I + v_{II} + mv_{II}$, segue-se que o valor da produção da seção II é igual a da totalidade do trabalho vivo nas duas seções. O valor da produção social é igual a soma dos valores da produção nas duas seções. Então, o valor da produção da seção I é igual a $c_I + c_{II}$, isto é, igual à totalidade do trabalho morto das duas seções. Segue-se que a relação entre as duas seções é igual a relação do trabalho vivo em relação ao trabalho morto.

No nosso exemplo, qual é esta relação?

Lembremos que no tempo 1 o valor correspondente ao trabalho vivo era de 20 bilhões de horas de trabalho e o valor do capital constante (trabalho morto) era também de 20 bilhões de horas de trabalho. A relação entre os dois valores é então de 1. No tempo 2, o trabalho vivo representa 24 bilhões de horas de trabalho. O valor do capital constante pode ser facilmente calculado: $n = c/v$ e $c = nv = 10 \times 8 \times 10^9$, ou seja, 80 bilhões. A relação entre o trabalho vivo e o trabalho morto é de 24/80, ou 0,3.

Como vimos no tempo 2, a parte da classe produtiva não é mais que a terça parte do valor criado pelo trabalho vivo (24 bilhões de horas de trabalho), isto é, 8 bilhões. Por ocasião da etapa precedente (tempo 1), ela era de 2/3 deste valor (20 bilhões de horas de trabalho), ou 13,3 bilhões. O aumento da exploração foi tal que o valor absoluto da força de trabalho social diminuiu, apesar do aumento do número de trabalhadores produtivos.

Nesse exemplo, que reproduz estritamente as hipóteses colocadas por Marx na citação estudada, todas as condições são favoráveis ao proletariado (salário médio idêntico para a classe produtiva e improdutiva, nenhum capital constante¹⁰ utilizado pelas classes improdutivas – neste caso haveria a necessidade de adicioná-lo à mais-valia). Esses elementos, mesmo que eles estejam ligados a um exemplo particular por nós elaborado, mostram que a hipótese de Marx repousa sobre condições extremas. Com efeito, se uma diminuição absoluta e estrutural da massa de salários não está, a priori, em contradição com a teoria geral de Marx, todavia ela é uma hipótese na qual a realização é submetida às circunstâncias que podemos qualificar de excepcionais.

No nosso exemplo, supomos uma composição orgânica de 10. Isso conduz a um valor de 80 bilhões para o capital constante e, portanto, um valor da produção de 104 bilhões de horas de trabalho ($c + v + mv = 80 + 8 + 16 = 104$). O valor do capital constante foi então

¹⁰ Do ponto de vista estritamente científico, os conceitos de capital constante, capital variável, etc. não se aplicam ao trabalho improdutivo. Faz parte do desenvolvimento da teoria revolucionária forjar conceitos *ad hoc* para dar conta desses fenômenos cujas consequências teóricas e práticas são consideráveis (por exemplo, o “capital constante” utilizado de maneira improdutivo – exemplo, o computador do contador ou do comerciante – é retirado da mais-valia).

multiplicado por 4 (ele era de 20 bilhões inicialmente), o valor da produção por 2,6 (ele era de 40 bilhões inicialmente), e o valor criado pelo trabalho vivo por apenas 1,2 (ele era de 20 bilhões inicialmente). Esses exemplos numéricos são suficientes para ilustrar uma parte do raciocínio de Marx, a saber: aumento do número de operários empregados na produção do capital constante, orientação mais marcada da agricultura como produtora de matérias primas, aumento do número de operários empregados na produção de meios de consumo para outras classes e, portanto também, produção de bens de luxo.

Na hipótese de Marx não apenas o nível de vida média não diminuiu como tem mesmo a tendência de se elevar, como testemunham as perspectivas para a criação de gado e, portanto, para o consumo de carne, assim como para o aumento dos produtos de luxo. Nessas condições, podemos supor que o nível de vida do proletariado igualmente aumente (o aumento do salário real, sem que, no entanto, caia a taxa de mais-valia, é igualmente uma possibilidade aberta para a subordinação real do trabalho ao capital). Nesta hipótese, o nível da produtividade teria então feito um salto extraordinário.

Em nosso exemplo, toda a mais-valia adicional serve à sustentação da população improdutiva, o que se traduz em um aumento considerável da classe média moderna. Trata-se então de um aumento máximo possível para um dado aumento da mais-valia¹¹. Senão, para obter tal relação entre as classes produtivas e improdutivas, é necessário ter em vista um aumento da mais-valia e da produtividade do trabalho ainda maior do que aquele aqui suposto.

No exemplo, no tempo 1 a população improdutiva era de 5 milhões de indivíduos, enquanto que no tempo 2 ela é de 24 milhões, ou seja, um crescimento de 380%. A massa de mais-valia era em torno de 6,7 bilhões de horas de trabalho. No tempo 2, ela sobe para 16 bilhões, ou seja, um crescimento de 140%.

Desse ponto de vista as taxas de crescimento não são iguais. Se compararmos as variações dos elementos estudados de um ponto de vista estritamente quantitativo, podemos observar que a taxa de crescimento da mais-valia é idêntica à taxa de crescimento da *população total*, que passou de 15 milhões de indivíduos para 36 milhões, ou seja, 140%.

Este exemplo, apesar de suas hipóteses restritivas, é particularmente instrutivo sobre a maneira com que Marx previa a evolução social: produtividade crescente do trabalho que se traduz por uma diminuição relativa, mas não absoluta do proletariado. Aqui, o recuo pode ser tal que o proletariado, no exemplo, não represente mais a maioria da população empregada.

¹¹ Com efeito, admitimos um valor médio da força trabalho idêntico para os proletários e as outras classes. Ora, mesmo se pudermos esperar, com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, uma aproximação relativa das condições de vida entre o proletariado e uma grande parte da classe média moderna, o nível de vida médio das classes superiores será mais elevado. Consequentemente, para uma mesma massa de salário, mais operários serão empregados relativamente à classe média.

Por outro lado, o exemplo de Marx repousa sobre dois momentos da sociedade que conhece a reprodução simples do capital. Se a “composição orgânica” no interior do trabalho improdutivo aumenta, a parte do “capital constante” também aumenta. Não discutimos aqui as modalidades da transição de um momento para o outro.

Por outro lado, a citação enfatiza claramente que o progresso da produtividade do trabalho se traduz pelos seguintes fatos:

- 1/ aumento do número de operários empregados na produção de capital constante;
- 2/ diminuição relativa e, na maior parte do tempo, absoluta do número de operários agrícolas;
- 3/ atividade da agricultura vinculada cada vez mais ao departamento I: o departamento dos meios de produção;
- 4/ desenvolvimento da criação de gado;
- 5/ idem para as indústrias necessárias à agricultura (fertilizantes, etc.);
- 6/ idem para a produção de luxo.

Essas modificações na composição da população produtiva traduzem um forte crescimento das forças produtivas do trabalho e a possibilidade, assim como a necessidade, na base da produção capitalista, de uma classe média cujos componentes mais modernos citados acima têm relação com o desenvolvimento da ciência (pesquisadores, inventores, professores), correspondendo ao engenheiro e ao técnico da população produtiva, dos quais Marx fala a propósito da “oficina coletiva”, do “operário coletivo” da submissão real do trabalho ao capital. Marx cita igualmente profissões intelectuais diversas, particularmente ligadas aos lazeres (palhaços, malabaristas, músicos, artistas, ...). Seria necessário acrescentar, pois não são citadas aqui, as profissões ligadas à esfera da circulação do capital, sobre as quais Marx faz uma análise no livro III do Capital. A essas frações mais modernas se juntam elementos mais clássicos, como os funcionários, as forças armadas, os trabalhadores domésticos, etc.

Como vemos, a composição social dos países capitalistas desenvolvidos no início do século 21 se desvia muito pouco do que havia sido previsto por Marx nos anos 1860. Enquanto Bernstein analisava o desenvolvimento das classes médias assalariadas como um desmentido à teoria de Marx, vemos ao contrário um testemunho a mais da potência e da validade da teoria revolucionária!